

Ana Maria Bahiana

# Almanaque 1964

*Fatos, histórias e  
curiosidades de um ano  
que mudou tudo  
(e nem sempre  
para melhor)*



*Sumário* —

*Era uma garota,  
que como eles,  
amava os Beatles  
e os Rolling Stones*

10

**Março**

60

— *Introdução* —

*Os 60  
até aqui*

12



**Abril**

\* \* \* \* \* \* \* \* 89

**Janeiro**

\* \* \* \* \* \* \* \* 20

**Maio**

108

**Fevereiro**

41

**Junho**

\* \* \* \* \* \* \* \* 125

# Julho

\* \* \* \* \* 138

# Novembro

206

# Agosto

151

# Dezembro

\* \* \* \* \*

221

# Setembro

166

*Apêndice*  
*Trivial*  
*Variado*

240

\*

*Fontes* —

247

\*

*Créditos* —  
*das imagens*

249

\*

# Outubro

187

# \*\*\*\*\* Janeiro \*\*\*\*\*

**“Segundo a nossa análise de dados concretos – colhidos nos cinco continentes –, [1964] promete ser altamente positivo para os mais diversos campos da atividade humana.”**

(Justino Martins,  
*Manchete*, 11 de janeiro)

“Lute pela DEMOCRACIA. A democracia é a única forma de governo dos povos livres [...]. Os extremismos, a ditadura ou o comunismo trazem consigo sempre um rastro de ódio, sangue, guerra, prepotência, miséria e sórdida escravidão.”

(Anúncio de boas-festas da rede de lojas de eletrodomésticos Rei da Voz, 1º de janeiro)

*“O grande partido político do Brasil é, como se sabe, o Exército nacional. O meio talvez mais prático de dar ao povo a certeza de que um presidente da República eleito vai realmente poder executar o programa prometido seria eleger, ao mesmo tempo, o ministro da Guerra do seu quinquênio.”*

(Antonio Callado,  
*Jornal do Brasil*,  
2 de janeiro)

**O ANO É BISSEXTO** e começa no meio da semana — uma quarta-feira, dia de Mercúrio, deus da comunicação, dos viajantes, da sorte, do comércio (vêm de seu nome palavras como MERCado e MERCartil), das fronteiras, dos truques e dos ladrões, e guia das almas dos mortos ao submundo.

A lua começa a minguar. No Rio de Janeiro, o tempo é bom passando a instável, com trovoadas esparsas à tarde e à noite, ventos variáveis e temperatura máxima de 37,2°C e mínima de 20,5°C.

Na primeira página do *Jornal do Brasil* desse 1º de janeiro — por um acaso de ironia cósmica presciente, uma batelada de exemplares chega às bancas impressa com a data de 1º de janeiro de 1968 —, um classificado implora a quem encontrar “pulseira de ouro com medalha de cem pesos chilenos”, perdida “na Academia Militar das Aguahuas [sic] Negras, na festa do aspirantado”, que “tenha a bondade de avisar pelo telefone 26-8231. Generosa gratificação, dado o grande valor estimativo da joia”.

Na página 8 do jornal carioca, o Professor Saturno, de Belo Horizonte, faz previsões para o novo ano, anunciando a morte — “uma das quais violenta” — de cinco políticos, a continuação da seca no Nordeste, grandes incêndios, uma revolução e o casamento de Jacqueline Bouvier Kennedy, viúva do presidente norte-americano John F. Kennedy, assassinado em novembro do ano anterior.

Com um foco “mais realista”, a primeira edição do ano da ilustradíssima revista *Manchete* faz outras previsões para o ano que começa: um “grande salto para a frente no domínio da energia elétrica” para o Brasil; aceleração da corrida espacial, com vantagem para a União Soviética; transmissão direta, ao vivo, da Olimpíada de Tóquio, em outubro, graças a “satélites do tipo Telstar” lançados pelos Estados Unidos; e a cura do câncer pelo “emprego radical do cobalto”.

No Rio de Janeiro, não mais a capital da República (desde abril de 1960), mas ainda o centro da vida social, cultural e política do país, um grande baile de réveillon reúne mais de 3 mil pessoas em cinco salões do hotel Copacabana Palace. Figuras da alta sociedade e autoridades do governo João Goulart pulam Carnaval até as quatro da manhã e, observa o repórter José Rodolfo Câmara, da *Manchete*, “as mulheres preferiram vestidos curtos aos compridos”.

O Réveillon  
dos chiques e  
famosos no Rio.

Não muito longe dali, na avenida Vieira Souto, em Ipanema, o ex-presidente Juscelino Kubitschek celebra o Ano-Novo em família, e a neta Jussara é o centro das atenções.

O presidente João Goulart veraneia com a família no palácio Rio Negro, em Petrópolis, na serra fluminense, mas não deixa de despachar com seus principais assessores. Até a viagem ao Mato Grosso para recepcionar o presidente do Paraguai, no dia 18, ele recebe visitas de, entre outros, San Tiago Dantas, Miguel Arraes e Leonel Brizola, além de Argemiro de Assis Brasil (chefe da Casa Militar da Presidência da República) e Jair Dantas Ribeiro (ministro da Guerra).

Segue-se um verão desconfortável, pontuado por greves, alta dos preços, racionamento de água e energia elétrica — resultado da prolongada seca — e uma inflação cada vez mais fora de controle. “Há uma espécie de irritação generalizada, [...] mau humor”, diz um comentário na página de editoriais do *Jornal do Brasil* no dia 8.

Em 1962 e 1963, o índice de preços subiu 52% e 81,3% (o maior da história), respectivamente. Logo no primeiro dia do ano é anunciado um aumento de 100% no preço dos cigarros e mais um imposto, uma “contribuição compulsória” de até 20% da conta de energia elétrica, supostamente para capitalizar a Eletrobras, criada pelo presidente João Goulart em 1962. “Para angustiar ainda mais a vida da população, forçada a custear as melhorias de salários que se renovam em razão da desvalorização do dinheiro, surgem pretextos para elevar ou criar impostos e taxas. [...] A partir deste mês as contas de luz vêm acrescidas de uma taxa do tipo empréstimo visando a assegurar a existência de uma nova autarquia, que,

para não fugir à regra, terá assessores, consultores e técnicos que absorverão a receita arrecadada”, escreve o colunista Martins Alonso no *Jornal do Brasil* do dia 8.

O país entra o ano vendendo sua moeda — o cruzeiro — atingida por uma erosão de 70% do seu valor. A cotação oficial do dólar no primeiro dia do ano

é de Cr\$ 600,00 (compra) e Cr\$ 620,00 (venda), mas a cotação paralela, no fim do mês, vai até Cr\$ 1500,00.

Segundo uma pesquisa do Instituto de Arquitetos do Brasil, 50% da população do país vive em favelas, mocambos, chelas e outras “habitações irregulares” sem “condições mínimas de área, luz, salubridade, conforto e higiene”.

A maioria dos jornais afirma que a inflação e a “comunização” do Executivo federal são as grandes vilãs, a causa de todos os tormentos do país. Com raríssimas exceções (como os jornais

A inflação  
corroia todos  
os valores.

cariocas *Última Hora* e *Correio da Manhã*), o tom da imprensa quanto à presidência de João Goulart oscila entre a profunda desconfiança e a franca hostilidade.

No Rio de Janeiro, todo dia é dia de apagão anunciado e planejado — com as usinas da Light no vale do rio Paraíba do Sul funcionando precariamente, um rigoroso racionamento de energia leva a cortes diários de luz de até duas horas. O recém-adquirido ritual familiar de compartilhar o *Reporter Esso*, “testemunha ocular da história”, ancorado por Gontijo Teodoro, na TV Tupi do Rio, vê-se temporariamente interrompido, substituído por silenciosa contemplação (ou acaloradas discussões, dependendo da família) à luz de velas e lampiões de querosene.

Uma nota de serviço publicada pelo superintendente da Polícia Judiciária da Guanabara, Paulo Sales Guerra, autoriza policiais em serviço a matar suspeitos que resistam à prisão.

Em São Paulo, a represa Billings está quase totalmente seca por conta da severa estiagem, e a capital paulista entra no racionamento no dia 20 de janeiro. A seca também causa uma enorme quebra nas safras agrícolas, chegando a 60% no estado.

Uma matéria de quinze páginas em cores na primeira edição do ano da *Manchete* anuncia o fim dos problemas de abastecimento de água do Rio de Janeiro: a “nova adutora do Guandu, considerada a obra do século no Rio [...] resolverá o problema do abastecimento de água até o ano 2000”.

Na mesma reportagem, entre viadutos, a restauração do estádio do Maracanã, a recuperação das praias da ilha de Paquetá e a “intenção de promover a exploração turística da baía de Guanabara”, as primeiras fotos aéreas do Aterro do Flamengo, com os jardins de Roberto Burle Marx — que será oficialmente inaugurado em 1965 —, e da Vila Aliança, no subúrbio de Bangu, parte do Plano de Habitação Popular, de “urbanização e higienização das favelas”, pelo qual “um trabalhador adquire sua casa para pagar em dez anos”.

Uma geladeira custa Cr\$ 110 000,00. Um ar-condicionado, luxo recém-importado, Cr\$ 210 000,00. Um ventilador, Cr\$ 25 500,00. O indispensável rádio de pilha, cerca de Cr\$ 19 000,00.

Uma nova  
era para  
as notícias.

A esperança  
estampava as  
capas de revista.

**O VERÃO NO RIO DE JANEIRO, segundo o jornalista Carlos Leonam, a escritora Marina Colasanti e o artista plástico Yllen Kerr:**

• Praias da moda: Inferninho, “no fim de Ipanema entre o Posto Telegráfico e a sentinela do forte de Copacabana, aberta nas pedras do Arpoador por um golpe descuidado do polegar do Criador”, e do Pepino, “no finalzinho da praia da Gávea e na entrada para o carro, pouco depois do largo de São Conrado”. A primeira é “a mais quente do Rio de Janeiro, refrescada somente quando sopra vento de leste”, dominada por jogadores de vôlei e “turistas franco-germânicos”. A segunda tem “pouca gente. Cerveja. Almoço no restaurante da d. Maria. Banheiro com chuveiro para tirar areia. Estacionamento a Cr\$ 200,00”.

Nos cinemas, imensos palácios com cortinas diante da tela, onde as sessões têm intervalo e jornal da tela, e trailers e desenhos animados entretêm o público antes da atração principal, o novo ano traz as estreias de *O processo*, *A gata borralheira*, *O indomado*, *A vingança de Monte Cristo* e o brasileiro *O beijo*, de Flávio Tambellini, estrelado por Jorge Dória, Norma Blum e Reginaldo Farias, continuando uma série de adaptações da obra de Nelson Rodrigues que recentemente incluíra *Boca de ouro* e *Bonitinha mas ordinária*. Aos sábados e domingos, matinês de desenhos animados, como o favorito *Festival Tom & Jerry*. Os brasileiros também começam o ano vendo *O satânico dr. No*, a primeira versão cinematográfica de uma das franquias literárias mais populares do momento — *James Bond* —, lançada no exterior em 1962.

No teatro, o grande sucesso é Fernanda Montenegro em *Mary, Mary*, versão brasileira da peça de Jean Kerr que já circulara por Londres e Nova York — “As falas encontraram nova criação na arte de Fernanda Montenegro. Ela as repete com tamanha riqueza de nuances que, em certos momentos, tem-se a impressão de que a atriz inventou o texto e a autora apenas o transcreveu”, escreve Zevi Ghivelder na *Manchete*.

Com direção de Paschoal Carlos Magno, uma das Caravanas da Cultura, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), viaja pelas cidades das margens da rodovia Rio-Bahia com teatro, cinema e biblioteca.

É lançada a primeira edição da primeira grande enciclopédia brasileira, nos moldes da *Britannica*: a *Enciclopédia Balsa*, dirigida pelo escritor e jornalista Antonio Callado.

Há uma profunda inquietação no ar. Os proprietários de imóveis e fazendas ameaçam resistir às medidas do governo sobre o controle dos aluguéis e as desapropriações da reforma agrária. No Nordeste, sobretudo no interior de Pernambuco e da Paraíba, sucedem-se choques, muitas vezes sangrentos, entre camponeses e a polícia a serviço dos latifundiários. “A Paraíba [...] vive uma situação pré-revolucionária, séria, grave, que se manifesta na expressão do primeiro camponês que se encontra na estrada”, reporta o enviado especial do jornal *Última Hora*, na edição de 20 de janeiro.

Parte do funcionalismo federal começa o ano com atraso nos salários, que só serão pagos em março. No Rio, moradores de Copacabana picham as árvores do bairro: QUEREMOS ÁGUA!

As greves se sucedem no início do ano: mais de 40 mil marítimos cruzam os braços, reivindicando direitos trabalhistas, e fecham os portos do país. Milhares de encadadores de café também paralisam suas atividades e interrompem o embarque e o desembarque do produto nos portos do Rio de Janeiro, Santos e Paranaguá. O protesto é seguido pelo dos trabalhadores do Grupo Light (que no Rio detém o monopólio do fornecimento de gás, luz, telefone e bondes). Funcionários públicos de cinco estados param de trabalhar no dia 15 e reivindicam o pagamento do 13º salário; entre eles estão servidores civis da Marinha, previdenciários, motoristas do serviço público, servidores do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) e do Departamento Nacional de Endemias Rurais. O comandante da Marinha promete reprimir a greve dos servidores civis “com metralhadoras”, se necessário. Num editorial de primeira página intitulado “O nosso direito”, no dia 17, o *Jornal do Brasil* afirma e adverte: “Se [os sindicatos] não respeitam a lei, e o governo não os obriga a cumpri-la, instala-se a anarquia — e o regime sem lei. Daqui advertimos o presidente da República para o risco dos acontecimentos imprevistos e precipitados pelo medo e pela insegurança nos espíritos. O Brasil tem um presidente constitucional *trabalhista* mas não está sob o governo de uma oligarquia sindical”.

Os donos de escolas particulares se voltam contra o governo por causa do congelamento oficial das mensalidades; no fim do mês, o MEC ameaça encampar as escolas que praticarem aumentos abusivos.

O mês termina com um recorde negativo no resultado das exportações. O governo cogita reatar relações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para refinanciar a dívida externa de US\$ 4 bilhões.

Duas palavras começam a se infiltrar nas conversas, comentários, bastidores e imprensa: *impeachment* e *golpe*.

• *Points da moda: as barracas do largo de São Conrado — “não há esnobismo que resista a uma água de coco gelada, a um milho verde quentinho ou a um frango no espeto” — e a piscina de água salgada do clube Costa Brava, no Joá.*

• *Esportes da moda: boliche — “é o esporte do verão em Saint-Tropez” — e patinação no gelo “no Gelorama da igreja Nossa Senhora da Paz”, em Ipanema.*

\*\*\*